



第三届葡萄牙语国际研讨会
语言政策和全球新一代葡语人才的培养

III SIMELP

Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa
A Formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo

FSH

Departamento
de Português

Macau
China



**III SIMELP:
A formação de novas gerações de falantes de português no mundo**

TEIXEIRA E SILVA, Roberval; YAN, Qiarong; ESPADINHA, Maria Antónia; LEAL, Ana Varani. (orgs.) 2012. III SIMELP: A Formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo. China, Macau: Universidade de Macau.

Organização	Roberval TEIXEIRA E SILVA; Qiarong YAN; Maria Antónia ESPADINHA; Ana Varani LEAL
Capa	Rebecca Cristina
Publicação	Universidade de Macau Departamento de Português
Data	Setembro de 2012
Impressão em Macau	Icon Communications
Tiragem	1.000 exemplares
ISBN	978-99965-1-035-9

ÍNDICE

CONFERÊNCIAS

- CONFERÊNCIA 01** Línguas, Língua Portuguesa e Comunidades no Moderno Império Asiático Português
- CONFERÊNCIA 02** Crioulização e Ideologias Linguísticas do Galego ao Brasileiro, Passando pelo Português
- CONFERÊNCIA 03** Linguagem e Poder Simbólico A Língua Portuguesa, o Comunitarismo Literário-Cultural e a Nova Repactualização Política
- CONFERÊNCIA 04** Memória E Projecção Da Língua Portuguesa Em Macau (Raem)
- CONFERÊNCIA 05** O Século Xxi Da Língua Portuguesa Problemas E Perspectivas.

MESAS-REDONDAS

- MESA-REDONDA 01** Gramáticas do Português na Divulgação e Ensino da Língua e na Formação de Jovens Falantes de Português no Mundo
- MESA-REDONDA 02** Teorias Linguísticas na Divulgação e Ensino Da Língua e na Formação de Jovens Falantes de Português no Mundo
- MESA-REDONDA 03** Literaturas De Língua Portuguesa e a Formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo
- MESA-REDONDA 04** Novas Variedades do Português No Mundo
- MESA-REDONDA 05** A Língua Portuguesa na China Ensino, Tradução e Cultura na Formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo

SIMPÓSIOS

- SIMPÓSIO 01** O ensino da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal: bases epistemológicas, objetivos e conteúdos.
- SIMPÓSIO 02** O papel do manual para falantes de Português no mundo.
- SIMPÓSIO 04** Roda dos Pesquisadores em Leitura da ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL – três edições.
- SIMPÓSIO 05** O Português falado no mundo: Investigações sobre a oralidade da Língua Portuguesa.
- SIMPÓSIO 06** Geografias Poéticas: Figurações do espaço na literatura lusófona.
- SIMPÓSIO 07** Neologismos.
- SIMPÓSIO 08** História do Português.
- SIMPÓSIO 09** Alunos e professores do Colégio Pedro II: Alicerce da historiografia literária brasileira.
- SIMPÓSIO 10** Macau: espaços de lusofonia e de interculturalidade.
- SIMPÓSIO 11** Relações entre Literatura, Artes e Mídia na formação de novos leitores de Língua Portuguesa.
- SIMPÓSIO 12** Léxico e morfologia: Do passado ao presente.
- SIMPÓSIO 13** Práticas e políticas atuais no ensino de PFOL: Novos caminhos e desafios em um mundo multiterritorializado.
- SIMPÓSIO 14** Gramática comunicativa da Língua Portuguesa.
- SIMPÓSIO 15** Práticas sociais de leitura no ensino superior.
- SIMPÓSIO 16** O ensino de Português e as novas tecnologias.

- SIMPÓSIO 17** O Português do Brasil: Estudos formais com ênfase em línguas em contato e na diversidade linguística.
- SIMPÓSIO 19** A realidade das vogais do Português.
- SIMPÓSIO 20** Ensino de Português para falantes de línguas próximas e distantes: materiais didáticos, metodologias de ensino e de avaliação.
- SIMPÓSIO 21** Terminologia linguística, acordo ortográfico e ensino de Português: soluções e problemas.
- SIMPÓSIO 22** Literatura Brasileira: relações entre a história e a cultura.
- SIMPÓSIO 24** A Língua Portuguesa no Brasil e seu ensino: aspectos linguísticos, discursivos, pragmáticos e culturais do idioma.
- SIMPÓSIO 25** Educação, leitura e práticas docentes.
- SIMPÓSIO 26** Políticas linguísticas e ensino de Língua Portuguesa nos países da CPLP.
- SIMPÓSIO 27** Fluxos e interfluxos ciberculturais: A Língua Portuguesa em foco.
- SIMPÓSIO 28** Manuscritos escolares e seus processos de escrita.
- SIMPÓSIO 29** Morfemas gramaticais em Português Língua não materna.
- SIMPÓSIO 31** A Língua Portuguesa como ferramenta de empoderamento do aluno na aprendizagem de língua estrangeira (LE) e/ou segunda língua (L2).
- SIMPÓSIO 32** A Língua Portuguesa nas trilhas da internacionalização.
- SIMPÓSIO 33** O lugar da Língua Portuguesa em comunidades migrantes: identidade e interação.
- SIMPÓSIO 34** A literatura em Português e a formação do jovem leitor.
- SIMPÓSIO 36** Novos caminhos para o ensino-aprendizagem de Português língua estrangeira na China.
- SIMPÓSIO 37** A Língua Portuguesa em Timor-Leste.
- SIMPÓSIO 38** Linguística Cognitiva e o Português como Língua Pluricêntrica.
- SIMPÓSIO 39** Sequências textuais em gêneros acadêmicos: a leitura e a escrita na universidade.
- SIMPÓSIO 40** Novas literaturas, literaturas de fora da sala de aula.
- SIMPÓSIO 41** Abordagem sócio-histórico-cultural do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.
- SIMPÓSIO 42** Língua Portuguesa: discursividades contemporâneas.
- SIMPÓSIO 43** Unidade e diversidade: múltiplos espaços da Língua Portuguesa.
- SIMPÓSIO 44** Tendências contemporâneas na avaliação, ensino e aprendizagem de Português para falantes de outras línguas.
- SIMPÓSIO 46** Propostas de Integração de Metodologias para o Estudo do Processo Tradutório
- SIMPÓSIO 47** Ensino e Aquisição-Aprendizagem de Português Língua Não-Materna
- SIMPÓSIO 48** Tradução- transformação linguística e cultural
- SIMPÓSIO 50** Gramaticalização de construções
- SIMPÓSIO 51** Aulas de gramática inteligente - Metodologia icônico-funcional
- SIMPÓSIO 52** Estudos de/em MACAU: Perspectivas Interdisciplinares

SIMPÓSIO 48

TRADUÇÃO: TRANS-FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL

COORDENAÇÃO:
Professora Katia de Abreu Chulata
Università del Salento
kdeabre@hotmail.com

Professora Maria João Marçalo
Universidade de Évora
mjm@uevora.pt

TRADUÇÃO DE HISTÓRIAS REAIS DE MULHERES – PARTILHA DE CONHECIMENTO SOBRE AUTODEFESA NUMA PERSPECTIVA MULTICULTURAL

Ilda Maria Severino AMBRÓSIO¹

RESUMO: Esta apresentação insere-se no Trabalho de Projecto que tem por base a tradução de histórias do livro *Her wits about her*. Estas histórias têm como protagonistas mulheres vítimas de ataques, aos quais conseguiram sobreviver, através da utilização de técnicas de autodefesa, que em muitas histórias surgiu naturalmente através do uso da sensibilidade e intuição. Todas as histórias têm final feliz, como o próprio subtítulo indica (*Self-Defence Success Stories by Women*). Numa época tão conturbada e negativa, com os *media* informando principalmente sobre acontecimentos trágicos, estas histórias constituem uma nota positiva, ainda mais pertinente por não serem ficção. A selecção das histórias a traduzir foi efectuada de acordo com o tipo de autodefesa utilizada. Ao longo da tradução tem-se verificado que existem diferenças linguísticas entre a língua fonte, o Inglês, e a língua alvo, o Português, bem como diferenças culturais, sendo estas as que têm colocado algumas dificuldades de tradução relevantes, numa perspectiva “cultural turn”. Ainda relativamente aos aspectos culturais, importa salientar a questão de “gender and/in translation” subjacente, e a existência de uma subcultura feminista da Califórnia que questiona a posição da mulher como ser frágil, quando surge como presumível vítima do homem, e tem que necessariamente adoptar uma posição de defesa activa, inconformista, com o objectivo de sobreviver. Com este trabalho pretende-se partilhar conhecimento, de forma a tornar as mulheres mais conscientes das suas capacidades.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; conhecimento; mulheres; autodefesa; cultura

1. Introdução

O livro *Her wits about her: Self-Defence Success Stories by Women*, editado por Denise Caignon e Gail Groves, constitui o *corpus* objecto de tradução do meu Trabalho de Projecto. Este livro reúne testemunhos de mulheres sobreviventes a perseguições, tentativas de violação e ataques à própria vida, através da utilização de técnicas de autodefesa. Na maior parte das histórias esta surgiu como reacção natural ao ataque, e as “armas” utilizadas foram diversas, como se verifica pelo título de algumas das sete partes desta antologia; por exemplo, “Intuition and Willpower” (“Intuição e Força de Vontade”), “Weapons at Hand” (Armas à Mão), ou ainda “Teamwork” (“Trabalho de Equipa”). Contudo, a perspicácia, a intuição e a sensatez constituem competências fundamentais na gestão dos diversos conflitos.

2. As Questões Culturais

As questões culturais constituem o assunto primordial a desenvolver neste trabalho, por esse facto, considero fundamental uma breve análise sobre a evolução da importância dos aspectos culturais para a teoria e prática da Tradução. Para tal, o livro *Translation Studies* de Susan Bassnett constitui uma referência importante. Este livro aborda questões históricas e teóricas pertinentes e insere os Estudos de Tradução (designação de André Lefevere em 1978) como “disciplina” num contexto único, com características específicas e métodos próprios. Susan Bassnett utiliza, no capítulo um do seu livro, uma metáfora que tem sido utilizada por outros teóricos e investigadores de tradução e que relembro aqui. A propósito

¹ Aluna do Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução, UE, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Linguística e Literaturas, Largo dos Colegiais, 2, 7002-554, Évora, Portugal, ilda.ambrosio@gmail.com

SINGULARIDADE E PLURALIDADE DO TRADUTOR NUM UNIVERSO LINGÜÍSTICO HÍBRIDO

Katia de Abreu CHULATA⁴

RESUMO:A presente comunicação sugere uma reflexão sobre a “singular” e também “plural” condição do tradutor que atue na particular experiência aqui descrita.

A ação – que diz respeito ao livro *Oração pelo poema*, de Alberto da Cunha Melo, traduzido em língua italiana – propôs uma sugestiva reflexão sobre “identidade” e “alteridade”. Tal tradutor, nessa circunstância, traduz um texto poético para uma língua que, mesmo não sendo a sua língua materna, de fato lhe pertence plenamente, já que utilizada cotidianamente na sua vida profissional e nas relações sociais. Realiza-se, dessa forma, uma “mistura identitária” que se propõe como dispositivo de mediação do relacionamento que o tradutor “intencionalmente exerce”, consciente de uma hibridação linguística e cultural que compõe a moldura no interior da qual pode se tornar legítima a sua re-leitura, a sua re-interpretação do texto. Uma avaliação que, exatamente enquanto reconhece uma pluralidade das perspectivas latentes no texto a ser traduzido, induz, de fato, a confirmar a conotação “aberta” do produto cultural. Verifica-se, assim, a situação atípica de uma ação tradutória já não exercida na condição tradicional em que o eu/tradutor traduz na própria língua o texto do *outro*. Ao contrário, verifica-se a condição na qual o eu/tradutor *re-versa* o texto na (*sua*) língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: hibridação linguística; identidade; alteridade; pluralidade.

Ché il progetto di una lingua universale, (seppure per questa mai voluta intendere una lingua propria e nativa e materna e quotidiana di tutte le nazioni) è una chimera non solo materialmente, e relativamente, e per le circostanze e le difficoltà che risultano dalle cose quali ora sono, ossia dalla loro condizione attuale, ma anche in ordine all'assoluta natura degli uomini; vale a dire non solamente in pratica, ma anche in ragione.
Giacomo Leopardi

Num artigo de 1989, intitulado “Leer es como traducir”, Gadamer nos empurra para o *abismo* da interpretação, afirmando que “entra na tradução todo o mistério da comunicação social e da compreensão humana” (apud Larrosa, 2004:66). Tal afirmação, aparentemente, faz com que consideremos a prática da tradução como fato extremamente obscuro, principalmente, se nos influenciarmos pela palavra *mistério*. Na verdade, o que o filósofo nos oferece é uma reflexão sobre a tradução que não permanece isolada no âmbito de estudos que se preocuparam ao longo dos anos em resolver problemas práticos e teóricos de tradução, ignorando a questão da leitura, da interpretação e da impossibilidade de explicitar a recepção – lembremos, a esse propósito, a *equivalência dinâmica* de Eugène Nida, com seu modelo de tradução focada na produção do efeito equivalente da mensagem sobre o receptor, como se fosse possível uma equivalência de interpretação no tempo e no espaço. Essa é uma pretensão dogmática, pois “mesmo o texto mais denso e a exegese mais lúcida nunca são completos. Sempre haverá lacunas, espaços para diferente interpretação e variável recepção. Aí se encontra a energia do texto” (Gentzler, 2009:85). Gadamer nas suas especulações filosóficas preocupou-se sempre com a “leitura”, com a experiência da leitura, indagando sobre fatos sobre os quais nunca paramos para pensar e, por isso mesmo, nos parecemos desconhecidos (Larrosa, 2004). Lemos no capítulo 12 de *Verdade e método*, intitulado “A linguagem como meio da experiência hermenêutica”, uma passagem clara sobre a questão do não isolamento epistemológico em questão de tradução, sobre a indissociável relação, ou até mesmo considerando a tradução como um dos processos da interpretação, da leitura:

o exemplo do tradutor que tem que superar o abismo das línguas mostra com particular propriedade a relação recíproca que se desenvolve entre o intérprete e o texto, que se corresponde com uma reciprocidade do acordo na conversação. Todo tradutor é intérprete. Que algo esteja em uma língua estranha não é senão um caso extremo de dificuldade hermenêutica, isto é, da estranheza e a superação da estranheza. A tarefa própria do tradutor não se distingue qualitativamente, mas apenas gradualmente, da tarefa hermenêutica geral que propõe qualquer texto. (apud Larrosa:65)

Já Steiner, em *After Babel*, intitulava o primeiro capítulo do seu livro “Compreender é traduzir” e no prólogo da

⁴ Docente de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira, Unisalento, Facoltà di Lingue e Letterature Straniere, Dip. di Lingue e Letterature Straniere, Via Taranto, 35, 73100, Lecce, Itália, kdeabre@hotmail.com

segunda edição do mesmo livro afirma que “a tradução se acha formal e pragmaticamente implícita em todo ato de comunicação, na emissão e recepção de qualquer modo de significado. [...] compreender é decifrar. Ouvir um significado é traduzir”. (apud Larrosa:64)

Como podemos verificar, Steiner, que lidou de maneira relevante e abrangente com a teoria de Chomsky, precede Gadamer na intuição da tradução como modalidade de leitura/compreensão/interpretação. Partindo, pois, dessa intuição, consideraremos a tradução segundo o arcabouço teórico da tradução como transformação/atribuição de significação, segundo, no entanto, uma ótica não binária texto-fonte/texto-alvo. Mas já segundo Niranjana, a tradução de um texto influencia o próprio texto-fonte, a própria cultura fonte. Tal abordagem não pretende considerar tais influências entre o texto-fonte e o texto-alvo de maneira negativa ou positiva, impregnada por uma qualquer orientação política. Considerará as interferências, os diálogos, as contaminações, levará em conta o fato de uma tradução não ser um fato isolado. Um pouco segundo as considerações feitas por Lambert e Clem Robyns (in *Teorias Contemporâneas da Tradução*, Gentzler, 2009) que “nenhuma tradução pode ser tratada isoladamente. Pelo contrário, elas são ao mesmo tempo o resultado e o ponto de partida de onde veremos os processos semióticos em ação, na formação de práticas discursivas” (Gentzler, 2009: 235). Segundo Lambert, “todo texto, toda palavra, contém elementos ‘traduzidos’”. Nessa perspectiva, que mais do que diacrônica, pode ser definida como epistemológica, coloca de acordo vários autores que enfrentaram problemas de tradução desde o período pós-estruturalista até os nossos dias.

Encarando a tradução – como já afirmado – como movimento não mais binário, parece-nos inevitável considerar no nosso horizonte de análise em âmbito tradutológico as palavras de Else Ribeiro Pires Vieira, que explicita bem essa *saída* do modelo platônico do Mesmo:

Uma terceira dimensão, ou tomando de empréstimo um dos famosos títulos de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, em lugar de binarismos excludentes, informa uma visão de uma transformação bilateral que opera no limiar do doar e receber, um encontro num terceiro que permite a continuidade e a transformação de um passado. (Vieira, 1996:63)

Saindo de e entrando em questões epistemológicas inerentes ao processo e ao produto da tradução, frequentemente, é deixada de lado a identidade do tradutor que é solicitada nessa prática. As premissas, aqui tecidas, sobre a definição do nosso campo de estudo foram explicitadas com a intenção de fundir as problemáticas tradução-tradutor, de considerar o problema da ressemantização como um problema de identidade e alteridade, como um problema que leva todo o debate sobre a tradução a um nível que é cultural, de construção de identidade do sujeito tradutor. Tal especulação faz-se com a intenção de (de)mo(n)strar a fusão entre línguas-culturas não só no resultado final da tradução, mas também no sujeito tradutor que vive na instabilidade das línguas, das culturas (Coracini, 1998; 2001;2003;2007;2010). Que vive na hibridação linguística e cultural que é geral – pensando no nosso mundo globalizado, pós-colonial, fagocitado e fagocitante, canibalizado e canibalizante – e que também é pessoal, forjadora da identidade de quem vive numa tradução contínua. Digamos que, apesar de vivermos todos em constante tradução como já visto em Gadamer e Steiner (para não falar de outros), o problema do tradutor-intérprete é que ele tem a consciência disso, a consciência de traduzir tudo o tempo todo.

Considerando ainda a tradução como interpretação e considerando “a semelhança fundamental entre leitura e tradução” (Larrosa, 2004) orientamo-nos em direção ao eu-tradutor com algumas palavras de Bakhtin que com os seus possessivos explicita a questão da identidade construída na alteridade a partir da palavra aberta sempre a novas significações:

Embora não saibamos da mesma tudo o que pode nos dizer, a introduzimos em novos contextos, a aplicamos a um novo material, a colocamos em uma nova situação para obter dela novas respostas, novas facetas quanto a seu sentido e novas palavras próprias (porque a palavra alheia produtiva gera em resposta, de maneira dialógica, nossa nova palavra. (apud Larrosa, 2004:106)

Não parece ter *consciência* disso, da *palavra aberta*, a protagonista de *Simultan* de Ingeborg Bachmann, quando procura a “perfeição”, que, para ela é a equivalência automática das palavras como prova de perfeita capacidade de passar palavras, frases, textos de uma língua para outra. Sinto-me fatalmente identificada com essa protagonista/tradutora simultânea – do ponto de vista da superstição que envolve as palavras do dicionário – que, no final do conto de Bachmann, recolhendo as últimas coisas do quarto de um hotel, vê uma bíblia e, pensando que pertença ao seu companheiro de quarto e de viagem, coloca-a na bolsa. Na dúvida, porém, que o livro não pertencesse a ele, tira-o

da bolsa e abre-o de maneira supersticiosa, exatamente como geralmente faz com os seus dicionários, procurando “a palavra” para iniciar o dia, para ajudar a esclarecer questões. A comparação entre dicionário e Bíblia, como se o dicionário fosse o evangelho para um tradutor, é extremamente eficaz como metáfora da necessidade para o tradutor de um “guia” para “iluminar o seu caminho” na decodificação. De fato, para os tradutores, o dicionário é um guia, mas um guia que indica vários caminhos e é o tradutor que deverá escolher esse ou aquele, que deverá decidir a “sua própria palavra” para dar significações novas em contextos diferentes. Como quando na escola o professor pede ao aluno que “explique com as suas próprias palavras” um texto. Quando li o conto de Bachmann me senti quase ridícula, pensando que todas as vezes que abro o meu Aurélio eletrônico pela primeira vez numa determinada jornada de trabalho, de maneira supersticiosa, guio-me pela primeira palavra que aparece na tela do computador...

Nadja não parece ter consciência da contínua atribuição de sentido que um texto adquire com a leitura, com a tradução. A protagonista de *Simultan*, Nadja, quando se desespera, lendo uma das páginas escolhidas dessa Bíblia encontrada no hotel, decide traduzi-la e ao fazê-lo começa a chorar, pensando que

Non sono abbastanza brava, non riesco in tutto, sono ancora lontana da riuscire in tutto. Non sarebbe mai stata capace di tradurre quella frase in nessun'altra lingua, sebbene fosse convinta di sapere il significato di ciascuna di quelle parole e come andavano usate, e tuttavia non sapeva di quale sostanza quella frase fosse fatta in realtà. Non riusciva in tutto, appunto. (Bachmann, 1980: 44)

Talvez, a angústia de Nadja pertença àquela “dicotomia língua materna/língua estrangeira” que na verdade “se interpenetram na constituição da subjetividade” como formula Coracini (2007), em *A celebração do outro, arquivo, memória e identidade*. Talvez, a rigidez do seu trabalho de tradutora simultânea, que tem que verter noutra língua constantemente as palavras de *outro(s)*, “corretamente”, “perfeitamente”, numa equivalência pragmática de comunicação eficaz, tenha levado Nadja a um automatismo que esvazia a própria mente:

Era proprio uno strano meccanismo il suo, viveva senza un solo pensiero in testa, immersa nelle frasi degli altri che immediatamente doveva ripetere come una sonnambula, ma con suoni diversi: di “machen” sapeva fare to make, faire, fare, hacer e delat’, era capace di girare ogni parola come su un rullo per ben sei volte, soltanto non doveva pensare che machen significava veramente machen, faire faire, fare fare, delat’ delat’, questo avrebbe reso la sua testa inservibile e lei doveva stare molto attenta a non venire un giorno travolta da quella valanga di parole. (Bachmann, 1980: 23)

“travolta da quella valanga di parole”, palavras, talvez, sem significado. Ela não tinha que pensar, não tinha que pensar no significado das palavras para poder sobreviver no meio de tantas línguas, de tantos significados. E isso acontece exatamente porque cada palavras está já cheia de significado, não individual, coletivo, no sentido do uso em sociedade.

A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). (Bakhtin, 2006: 328)

Nos nossos discursos há a nossa voz, impregnados de outras vozes, de outros discursos. A quem pertence a nossa palavra, o nosso texto, o nosso discurso? Construímos a nossa produção linguística com a matéria de que é feita: a língua. De que língua estamos falando? A nossa língua, a língua materna. No nosso discurso cotidiano usamos as palavras dos nossos pais, dos nossos avós, dos nossos governantes, dos nossos filhos, dos nossos professores... Tudo isso é plágio, talvez? Estamos falando de direitos autorais? Mas, quem é o autor? Somos todos autores e ao mesmo tempo intérpretes, tradutores de palavras alheias. É na relação dialógica que tudo se constrói, que o nosso texto se contrói. A nossa identidade se constrói a partir o outro. Eu e tu, numa construção contínua de identidade(s), de palavras, de discursos, de sentidos. “se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela pode dizer, ela sai do diálogo e se coisifica” (Bakhtin, 2006:328). Mais uma vez, Bakhtin nos alivia do peso do dicionário, lá não estão todos os significados possíveis. Somos nós *autores (falantes)* que continuamos, perpetuamos a atribuição de sentido, nos diferentes discursos, nos diferentes contextos, nas diferentes situações, históricas, geográficas. E, portanto, a tradução interlinguística perpetua essa produção na transposição de palavras, textos, discursos, de uma língua para a outra. Quem é esse autor-falante-tradutor? Com que língua lida? Que cultura tem dentro de si e leva consigo? Que relacionamento tem com o texto e o autor do texto?

Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra

há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (Bakhtin, 2006: 330)

“Soam concomitantemente”, essa concomitância, essa simultaneidade de palavras, que faz com que tenhamos que “escolher” as palavras que se acavalam na nossa mente, esse é o problema da expressão, da verbalização. Nadya, em *Simultan*, é uma tradutora simultânea, traduz “simultaneamente”, isso é isso, aquilo é aquilo. Chega. Não tem que pensar, dessa forma as línguas ficam separadas, de maneira definitiva (Babel!?). Não há contaminação, cadeira é sedia. Palavra é parola. Chega. A simultaneidade de palavras nos deixa afásicos. Antes da escolha da palavra no *abismo* das línguas, não temos nenhuma palavra. Mesmo quando sabemos que cadeira é sedia, naquele contexto, talvez, não temos que traduzir assim e não sabemos o que dizer, o que escrever. Não falamos, não escrevemos, ficamos “sem palavras”, na simultaneidade delas. A simultaneidade leva ao mutismo, à afasia. É o que acontece com Nadya.

Como vimos, a interferência de diferentes significados numa palavra, a interpretação inevitável que está contida em cada palavra, a tradução contínua que fazemos do mundo são parte da nossa vida-em-sociedade, da nossa vida de falantes-ouvintes-intérpretes-tradutores-intérpretes. Como podemos separar tudo isso do trabalho de tradução interlinguística? Como podemos não considerar todas as influências linguísticas que sofremos cotidianamente e ao longo da nossa vida? Eu-tradutora português-italiano e vice-versa não tenho certeza que deixo as coisas separadas, que cadeira é sedia. Não tenho certeza da pureza do *meu* português e do *meu* italiano. São os dois *meus* e por isso carregados de influências linguísticas e culturais da cultura-língua que atravesso ao longo da minha vida. Quais são as vozes que escuto quando faço uma tradução? Quais são os meus modelos literários?

A tradução do português para o italiano não é a tradução ideal, porque não é a tradução na minha língua materna. Quando faço uma tradução para o português, o texto sofre inevitavelmente das influências do meu contexto de vida, da língua que ouço continuamente. Vivo numa situação híbrida contínua. O que faço na tradução em italiano ou em português é forjar um modelo “ideal” na literatura-língua outra na multiplicidade da própria língua, da própria identidade linguística e cultural. A minha, geralmente, é uma tradução imprópria que tem como língua alvo a língua estrangeira. É uma tradução que joga e se determina no espaço de contaminação entre duas línguas-culturas; no espaço flúido, porque pessoal no sentido da experiência linguística e cultural única, de cada um. Quais são as consequências de uma tradução “imprópria”?

Faço o exemplo da tradução do poema *Oração pelo poema*, de Alberto da Cunha Melo em italiano. Na apresentação da edição italiana do livro escreve Cláudia Cordeiro:

É em português e italiano a primeira edição de um áudio livro desse escritor, sociólogo e jornalista pernambucano. Reinaugura-se, assim, com tessitura inédita pelo autor. Tradição outra, tradição estrangeira e filosófica que, de maneira inevitável, foi absorvida e metabolizada pelo autor. Tradição outra, tradição estrangeira e tradição nacional, o Nordeste da tradição clássica que menos sofreu as “tentações” do Modernismo do sul do país. Com a tradução em italiano, parte da tradição estrangeira volta à origem, volta ao velho mundo. Percebemos a vida em mutação através da tradução: é a viagem de ideias, de modelos poéticos e filosóficos, dos clássicos do velho mundo para uma língua portuguesa-em-movimento falada-escrita no Brasil sincrético e mestiço, que continua por meio da tradução em italiano. A tradução desmonta, monta e remonta num processo de perpetuação e inovação (pensem-se semiose ilimitada, Lambert e Robyns e em Eco para quem a tradução é idêntica à cultura, concebida menos como um fenômeno estático do que como uma interminável tradução de signos para signos).

Nas palavras da crítica literária e esposa do autor ecoam aquelas ideias, aqueles conceitos sobre a revitalização da palavra escrita ou dita, sobre a palavra aberta que resulta em textos, em discursos. A “tessitura inédita” revela o trabalho de re-elaboração, re-significação, com as linhas de Alberto da Cunha Melo teceu-se o novo texto, produzindo um novo efeito, um novo som e uma nova matéria. O Poema de Alberto da Cunha Melo é já uma tradução de uma tradição poética e filosófica que, de maneira inevitável, foi absorvida e metabolizada pelo autor. Tradição outra, tradição estrangeira e tradição nacional, o Nordeste da tradição clássica que menos sofreu as “tentações” do Modernismo do sul do país. Com a tradução em italiano, parte da tradição estrangeira volta à origem, volta ao velho mundo. Percebemos a vida em mutação através da tradução: é a viagem de ideias, de modelos poéticos e filosóficos, dos clássicos do velho mundo para uma língua portuguesa-em-movimento falada-escrita no Brasil sincrético e mestiço, que continua por meio da tradução em italiano. A tradução desmonta, monta e remonta num processo de perpetuação e inovação (pensem-se semiose ilimitada, Lambert e Robyns e em Eco para quem a tradução é idêntica à cultura, concebida menos como um fenômeno estático do que como uma interminável tradução de signos para signos).

Retomemos aqui a questão da escrita já como tradução para melhor esclarecer e fundamentar a tese da identidade fluída do tradutor, uma identidade que se constrói na própria língua-cultura e na língua-cultura do outro. Identidade que se assume também como alteridade, na multifacetação das possibilidades, como um ritual antropofágico na perpetuação das características do *outro*, do inimigo. Nas cartas entre Guimarães Rosa e o seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri,

encontramos as orientações de Guimarães sobre a escritura, sobre a tradução e o relacionamento autor-tradutor. São orientações abertas à contaminação, à recriação:

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse “traduzindo”, de algum alto *original*, existente alhures, no mundo astral ou no “plano das ideias”, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa “tradução”. Assim, quando me “re”-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do “original ideal”, que eu disvirtuara...” (Rio, 4 de dezembro de 1963:74)

e ainda: “eu ‘contínuo’, no texto seu italiano, e, não duvide, em muitas passagens me sinto superado, ultrapassado” (Rio, 5 de abril de 1963:14); “não se prenda estreito ao original” (Rio, 4 de dezembro de 1963: 75)

Onde está o original, então? Escritura e identidade misturam-se nas palavras dos escritores: “eu ‘contínuo, no seu texto italiano”, diz Guimarães, refletimo-nos na nossa língua, na nossa linguagem. A língua somos nós, a linguagem contém a nossa identidade que se forma a partir da linguagem de outros. Como vimos, ao longo da nossa reflexão, as palavras se revitalizam continuamente através da atribuição de sentido. Então, essa identidade é sempre híbrida, é sempre em formação porque reflexo e refletida na língua, no texto, no discurso. Podemos dizer que quando falamos de identidade estamos falando de língua:

[...]assumo identidade a partir de teorias do discurso e da psicanálise que a concebem como instável, sempre em movimento, heterogênea e conflituosa, ou melhor, como ilusão ou “sentimento de totalidade que torna presente o que está ausente e temporalmente adiado. (Coracini, 2007:198)

Parece que estamos a falar de tradução nas palavras de coracini. Essa hibridação linguística, essa hibridação identitária é uma realidade das línguas e dos humanos. Um “eu” que traduz e está sempre *in mezzo* de línguas, de identidades, de histórias, que vive na hibridação consciente que não há pureza, ou que talvez a pureza é somente a capacidade de se exprimir a liberdade de nos re-apropriarmos de tudo o que é ao nosso redor, pelo menos momentaneamente. Dessa forma temos a impressão da totalidade. É a maneira de superar a nossa grande parcialidade de tudo, da linguagem, do sentimento, da razão. Um “eu” que traduz da sua língua materna para uma língua estrangeira e vive completamente na língua/cultura do outro, é provavelmente um tradutor sem fronteiras, sem passaporte, uma espécie de clandestino que se autoriza sozinho.

Eu-tradutora não da cultura do *outro*, mas eu-tradutora da *minha* língua/cultura para a língua cultura do *outro*, que também é a *minha*. Será, talvez, delírio de posse do tradutor?

Referências Bibliográficas

- Bachmann, Ingeborg. 1980. Simultaneo. In: Bachmann, Ingeborg. *Tre sentieri per il lago e altri racconti*. Tradução italiana Amina Pandolfi. Milano: Bompiani. p. 9-45.
- Bakhtin, Mikhail. 2006. *Estética da Criação Verbal*. Tradução brasileira Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- Coracini, Maria José. 1998. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. *Letras & Letras*. v. 14, n.1. Uberlândia: UFU, p. 153-170.
- Coracini, Maria José (Org.). 2001. *O jogo discursivo na aula de leitura (Língua materna e língua estrangeira)*. Campinas: Pontes.
- Coracini, Maria José. 2007. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. São Paulo: Mercado das Letras.
- Coracini, Maria José; Bertoldo, Ernesto S. (Orgs.). 2003. *O desejo da teoria e a contingência da prática – Discursos sobre/na sala de aula*. Campinas (SP): Mercado de Letras.
- Coracini, Maria José. 2010. A (auto-)censura na tradução: uma questão de identidade. In: Lima-Hernandes, Maria Célia; Chulata, Katia de Abreu (Orgs.). *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce: PensaMultimedia. p. 179-190.
- Eco, Umberto. 2004. *Dire quasi la stessa cosa, Esperienze di traduzione*. Milano: Bompiani.
- Gentzler, Edwin. 2009. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Tradução brasileira Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras.
- Lambert, José; Robyns, Clem. 2004. Translation. In Posner, Roland et al. *Semiotik. Ein Handbuch zu den zeichentheoretischen Grundlagen von Natur und Kultur*. Berlin-New York: Walter de Gruyter. v. 4. p. 3594-3614.
- Larrosa, Jorge. 2004. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução brasileira Cynthia Farina. Belo Horizonte (MG): Autêntica.
- Leopardi, Giacomo. 2004. *L'arte dello scrivere. Pensieri sull'alfabeto, la scrittura e lo stile*. Milano: Marinotti.
- Melo, Alberto da Cunha. 2003. *Dois Caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa.
- Niranjana, Tejaswini. 1992. *Siting Translations: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Berkeley: University of California Press.
- Rosa, Guimarães; Bizzarri, Edoardo. 1972. *J. Guimarães Rossa correspondência com o tradutor italiano*. São Paulo: Instituto Cultural Italo-brasileiro.
- Vieira, Else Ribeiro. 1996. *Revista de Estudos de Literatura*, outubro, v. 4, p.61-80. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>, acesso em: 12 fev. 2011.